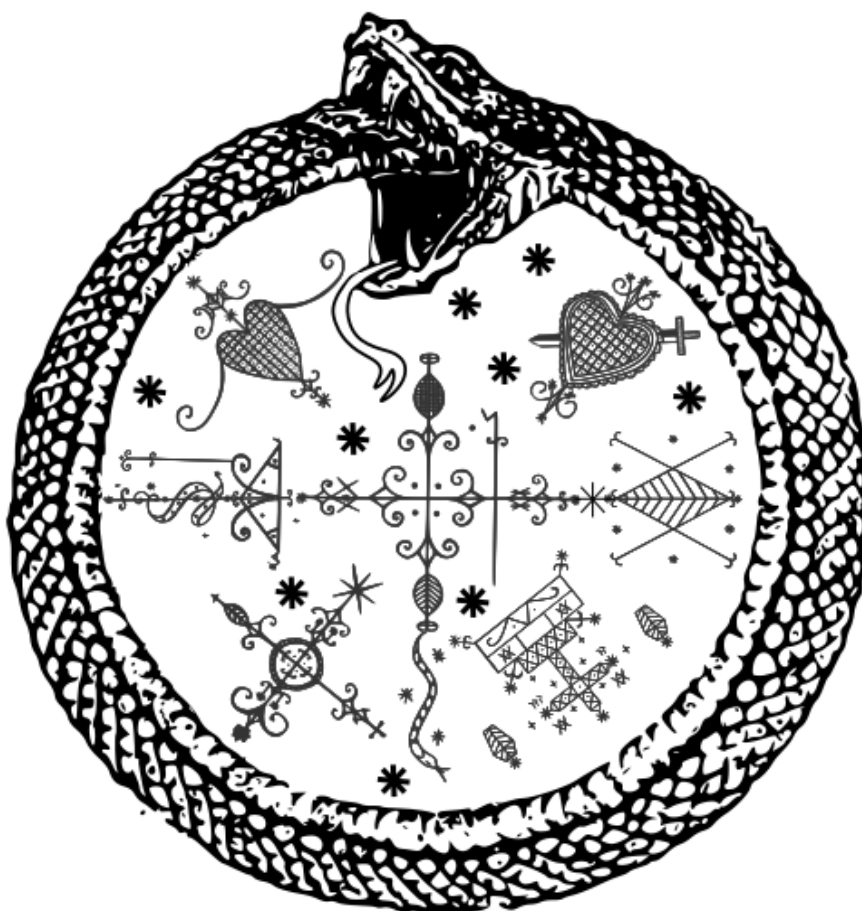


# NINHO DA SERPENTE

SOSYETE VODOU DEKA



## MÓDULO 1

Curso Vodou

### A HISTÓRIA DO VODU, DA ÁFRICA AO HAITI E EUA

*Houngan Alexandhros, Houngan Sasse e Mambo Aveline*

[vodubrasil@hotmail.com](mailto:vodubrasil@hotmail.com)

## **ÍNDICE**

|                                          |    |
|------------------------------------------|----|
| Apresentação do Curso -                  | 3  |
| Apresentação da Aula -                   | 4  |
| Vodu na África Ocidental -               | 5  |
| O Vodou no Haiti -                       | 9  |
| A Revolução Haitiana -                   | 14 |
| O Vodou no Vale do Mississippi -         | 18 |
| O Vodou: Inicie a sua Viagem -           | 22 |
| O Vodou -                                | 22 |
| Os Perigos do Vodou -                    | 25 |
| Palavras Usadas dentro de uma Sossyete - | 28 |

## APRESENTAÇÃO DO CURSO

Olá aluno, muito bem vindo ao seu primeiro dia de aula em uma *Sosyete Vodou*! Sou o Houngan Alexandhros, sacerdote do Ninho da Serpente e pertencço à linhagem Deka, comum no Norte do Haiti, República Dominicana e alguns Templos dos EUA. Este linhagem também é conhecida pelo nome Tcha Tcha e Kwa Kwa. Apesar de ser um Houngan praticante do Vodou de Nova Orleans, o Ninho da Serpente é originário do Vodou Deka haitiano, que é atualmente praticado da forma Norte Americana. Embora eu saiba como é cultuado o Vodou haitiano, eu não tenho a permissão e nem a capacidade para praticá-lo nessa modalidade, uma vez que minha iniciação é baseada somente no Vodou do Vale do Mississippi.

Esta é a quinta turma do Curso de Vodou Deka do Ninho da Serpente, sendo a primeira dedicada aos brasileiros. A ideia é leva-los desde o básico do Vodou até a prática mais avançada, capacitando-os a praticar o Vodou da forma correta. Naturalmente que um curso desses não poderá abordar segredos de iniciação no culto, reservado somente aos que passarem pelo Kanzo. Mas tenha a certeza que até o final do curso, você estará praticando o Vodou como qualquer frequentador o faria.

Com todo o conhecimento que vamos abordar, você será facilmente bem visto pelos voduístas, o que lhe abrirá muitas portas para frequentar e, quem sabe, se iniciar na maioria dos Templos. Ao saber o que esperar do Vodou, como se comportar e entender esse universo, nós voduístas teremos menos medo de nos abirmos.

Sei que a ideia de fazer um curso para se aproximar de uma religião pode parecer, na melhor das hipóteses, algo bizarro. Mas cursos Vodou são muito comuns no meio, uma forma segura das pessoas experimentarem nossa religião. Eu mesmo estava bastante relutante em aceitar proporcionar um curso, inclusive este para os falantes do português (os cursos anteriores, em inglês, espanhol e grego, foram da autoria de Mambo Aveline e Houngan Sasse, com minha ajuda), mas é necessário e é a única forma de evitar que as pessoas cometam erros grosseiros ao praticarem o Vodou sozinhas, o que as levam a se meter em grandes problemas.

Façamos então com que este curso seja o mais completo possível. Será inteiramente dedicado ao passo a passo de quem vive o Vodou em sua vida diária. Que o nosso grupo virtual de voduístas possa chegar o mais perto possível de uma Fanmi Vodou, ou se preferir, uma *Sosyete Vodou*, no mundo virtual.

Mèsi anpil! (Muito Obrigado!)

Houngan Alexandhros e Mambo Aveline

## APRESENTAÇÃO DA AULA

Olá aluno, essa é a sua primeira aula sobre o Vodou, uma religião muito especial e, por vezes, diferente de tudo o que você já viu. **O Ninho da Serpente** agradece por seu interesse em fazer parte de nossa Fanmi Vodou (Família Voduísta) e esperamos que este seja apenas o início de uma grande relação.

Quando falamos de Vodou, estamos falando de uma infinita gama de religiões puramente voduístas e suas ramificações. Vocês não têm ideia dos lugares onde se pode encontrar o Vodou e seus praticantes, da América à Ásia. Mas, a fim de simplificarmos e focarmos no que realmente é útil, vamos separar o Vodou em três categorias:

Vodou Africano

Vodou Haitiano

Vodou dos Estados Unidos

Do Vodou Africano para o Vodou Haitiano, geralmente, as diferenças são gigantescas, mas ao convivermos com o Vodou no dia a dia, podemos ver que há algumas “poucas” semelhanças, assim como alguns detalhes que podemos chamar de uma interpretação, digamos, mais americanizada. **Ao contrário do que se imagina, não é o Vodou haitiano e nem o dos EUA que mais se assemelha ao Vodou praticado na África, mas sim o Candomblé Jeje, que ainda preserva o idioma, as antigas canções e a liturgia.** Religiões são unidades vivas passíveis de influências externas e de sofrer os avanços da modernidade, não há como escapar, do contrário, a religião se extingue. Até mesmo o Vodou africano sofreu influências externas e raramente você o encontrará sendo praticado da forma pura de séculos atrás.

Logo, o Vodou Haitiano e o Vodou dos Estados Unidos são absurdamente similares, dada a grande migração de haitianos no início do século XIX. Embora seja questionável por alguns autores famosos, eu estou entre a maioria de estudiosos que crê no fato de que já havia uma forma de Vodou praticada no Vale do Mississippi, pelo menos desde o fim do século XVII. Certamente era um Vodou ainda mais grosseiro do que o que estava em desenvolvimento na ilha de Hipaniola, atual Haiti. A influência do Vodou Haitiano sobre o Vodou dos Estados Unidos começou timidamente após 1804, com o aumento de imigrantes haitianos. Mas a coisa realmente se misturou entre as décadas de 30 e 40, quando pessoas de alguma influência começaram a ir e vir do Haiti. Apesar disso, existem diferenças entre ambos os Vodous, haitiano e do vale do Mississippi, mas são diferenças que podem ser entendidas melhor no decorrer das aulas.

## VODU NA ÁFRICA OCIDENTAL

O Vodou, mais conhecido na África como *Vodoun*, é uma religião tradicional de uma grande parte da África Ocidental, e seu centro de culto fica na região do Golfo do Benim, incluindo as nações modernas do Benim e Togo, bem como do Gana Oriental. A antropóloga Judy Rosenthal define os limites do Vodou que vai desde o Camarões no leste até a Costa do Marfim no oeste, claro que sem mencionar o Vodou do Novo Mundo e variedades da religião da África Ocidental.

A palavra *Vodoun* é comumente traduzida como Espírito. Além de servir como um nome para a religião, *Vodoun* pode ser usado de forma intercambiável para designar um espírito individual do panteão Vodou, como *Vodoun Legba* ou *Vodoun Sakpata*, assim como também se referir a objetos que representam os deuses.

O vodou do Golfo do Benim é muito forte e gigantesco. Para eles, o deus mais importante é Mawu, geralmente considerado como o criador, mas compreendido de múltiplas formas entre diferentes Ewe, Fon e etnias relacionadas. Alguns consideram a deidade como sendo masculina, enquanto outros dizem que Mawu é do gênero feminino. Entre os Fon e alguns Ewe, Mawu é parte de um casal divino ou gêmeos conhecidos como Mawu-Lisa, com Mawu sendo feminino e Lisa masculino. Nesta interpretação, o par representa o equilíbrio. A posição exata da divindade (ou deidades) também está sujeita a interpretações divergentes. Enquanto muitos consideram Mawu ser simplesmente o mais poderoso entre os muitos espíritos do Vodou africano, outros pensam nele ou nela como preenchendo um papel único como um ser supremo sobre todas as divindades.

O status exaltado de Mawu levou os antigos missionários cristãos a pegar seu nome emprestado para o Deus cristão, uma prática que permanece comum até hoje, a fim de facilitar a cristianização. Para complicar ainda mais a questão, Mawu também se tornou um sinônimo para vodou e muitas vezes é usado como um termo genérico para qualquer deidade. Curiosamente, a adoração direta de Mawu tem sido historicamente mínima, uma circunstância que o autor do século XIX, A. B. Ellis, atribuiu ao fato de que o deus teve pouca interação com as pessoas, que, portanto, não demoraram em concentrar sua devoção em deidades que provavelmente seriam mais úteis, tanto para o bem quanto para mal. Entre os muitos espíritos propensos a intervir na vida dos fiéis estão Gu, Heviesso e Legba.

Gu, também conhecido como Egu, é uma divindade do ferro e das guerras. Por extensão, ele também é o espírito patronal daqueles que trabalham com ferro, como guerreiros, caçadores, metalúrgicos, mecânicos e outros. Além de ajudar aqueles que forjam o ferro, ele também protege seus devotos de serem prejudicados pelo metal. Heviesso, às vezes escrito Hebiosso, Khebioso e Heviosso, entre outras variantes, é o

deus da justiça, do relâmpago e do trovão. Acredita-se que ele castiga os malfeitores e, de acordo com a tradição, os mortos pelo raio foram abatidos pelo deus. Já Legba é um trapaceiro que gosta de agitar a discórdia e também está associado à sexualidade e à fertilidade.

Além das deidades que são bem conhecidas pela maioria dos Fon e Ewe, há uma série de outros conectados a locais específicos e sociedades Vodou. Entre eles está Avrikiti, uma deidade marinha e patrona dos pescadores, que ganhou proeminência ao longo do litoral. Outra, Nesu, servia como guardiã da família real do Daomé. Um exemplo daqueles cultuados por sociedades específicas estão os gorovodus ligados à sociedade Ewe Gorovodu, que é mais popular nas áreas costeiras de Gana, Togo e Benim. Para muitos especialistas, os gorovodus são os espíritos de estrangeiros e de escravos. Cada deidade tem seus sacrifícios de animais preferidos, objetos sagrados e imagens e cerimônias em sua honra. Muitos Vodouns têm seu “templo” e seu grupo de pessoas que se dedicam especialmente ao seu culto, sem misturar outros Vodouns. A lista desses deuses é absurdamente grande, ficando difícil quantificar.

Como se pode adivinhar, a partir da divinização de escravos falecidos, os humanos desempenham um papel importante no cosmos espiritual. Para começar, **os vivos servem como vasos para o divino através da posse espiritual**, um fenômeno compartilhado com muitas religiões africanas nas Américas. Além disso, cada pessoa é entendida como possuindo dois dos que os descendentes europeus podem chamar de almas ou espíritos, que A. B. Ellis chamou convenientemente de espírito e de alma. Segundo ele, **cada pessoa viva possui um espírito, que pode sair e retornar ao seu corpo à vontade. Na morte, o espírito reencarna em um filho recém-nascido. Alguns, no entanto, entram nos animais ou até permanecem desencarnados. Outros se tornam protetores de suas linhas familiares, um papel como o preenchido por Nesu em relação à antiga família real do Daomé. A alma, por outro lado, está ligada ao corpo e raramente o deixa antes da morte. A alma seria como uma parte divina, uma energia que nos mantém vivos e que ajuda a prender o espírito ao corpo. Se a alma se afastar da sua morada, o corpo assumirá a aparência de um cadáver, permanecendo assim, a menos que a alma volte.** Historicamente, os membros da família esperariam para enterrar os corpos até que eles apresentassem sinais de decadência, na esperança de que talvez a alma só tivesse se ausentado temporariamente. Se permanentemente separado do corpo, a alma então prosseguirá para uma vida após a morte, também conhecida como Kutome, a Terra dos mortos.

Entre os Ewe e Fon, o que os ocidentais chamariam de magia, é bastante comum, fazendo parte do seu dia a dia. Essa magia se concentra em obter desejos pessoais, desde proteção contra ferimentos até prejudicar ou matar inimigos. Os encantos tomam a forma de amuletos dedicados a deidades específicas, partes do corpo de

animais e uma variedade de outros itens naturais. Os pós e os líquidos mágicos também são comuns.

**Em nenhuma das suas terras, o Vodú é praticado como única fé.** Cada país é anfitrião de múltiplas religiões, com o cristianismo reivindicando o maior número de adeptos, só para variar. O guia de oração cristã e o trabalho de referência, Operation World, sugerem que Gana tem a maior proporção, com mais de 63% se identificando como cristãos em 2010. Tanto no Benim quanto no Togo, o cristianismo possui uma pluralidade de população, com pouco menos de 40% e pouco mais de 45%, respectivamente. O islamismo é a segunda maior religião no Gana. Em cada nação, o Vodú e outras religiões tradicionais permanecem poderosas, alegando a fidelidade de mais de 30% da população no Benim e no Togo. Estatísticas simples, no entanto, não contam a história completa. **Assim como acontece no Vale do Mississippi e continua a ser a norma no Haiti, muitos seguem o Vodú e o Cristianismo. O mesmo pode ser dito para o Islã e Vodú. De acordo com uma estimativa, cerca de 80% da população do Benim pode ser descrita como praticando o Vodú por conta própria ou em combinação com o Cristianismo ou o Islã.** Tais fatos danificam os limites entre as religiões e questionam as estatísticas que pretendem ser contabilidades precisas do número de adeptos de cada fé.

Como é evidente em suas interações atuais com o cristianismo e o islamismo, o Vodú está sujeito a mudanças, e a versão agora praticada na África Ocidental difere significativamente da forma proeminente durante o auge do tráfico escravo do Atlântico. Por exemplo, **foram os dias em que o Vodú dos Fons centrou-se em torno da realeza Daomeana, que ostentava costumes anuais que às vezes incluíam o sacrifício de milhares de prisioneiros de guerra, sem falar dos muitos Vodouns que deixaram de ser cultuados, entre muitos outros costumes que foram modernizados e/ou influenciados.** Talvez você esteja se perguntando como eu iria querer que o Vodú africano continuasse com a prática de sacrifícios humanos em pleno 2017/2018. Mas quando se trata de influência externa e modernização da prática religiosa, não podemos selecionar o que pode ou não ser mudado de acordo com o que nos é conveniente.

Algumas proeminentes ordens do Vodú dos Ewes, como as sociedades Gorovodu e Mama Tchamba, também são consideradas pelos fiéis como provenientes de pessoas de fora, não sendo exatamente originais. Enquanto os crentes frequentemente descrevem os aspectos estrangeiros das sociedades como chegando de grupos de pessoas ao norte, Judy Rosenthal observa que eles também têm vínculos culturais com o Asante (Axante) ao oeste. Mesmo alguns dos aspectos mais reconhecíveis do Vodú africano, como o Fa ou Afa, de adivinhação, não se originaram entre os Ewe e Fon. O Fa é originário do Ifá Iorubá e teria ganhado destaque entre os Fon nas décadas de 1720 e 1730 durante o reinado do rei Agadjá. **Antes desta época, os adivinhadores**

**recebiam comunicações do mundo espiritual, virando um pote de cabeça para baixo, agitando dentro dele os caurís enquanto falavam palavras rituais específicas, e no final uma voz podia ser ouvida falando por debaixo do pote virado.** Agadja, no entanto, considerou tais adivinhadores ameaças ao seu poder e trabalhou para suprimi-los, promovendo em seu lugar o Fa e vendendo como escravos aqueles que praticavam formas concorrentes de adivinhação. Agadja também tomou ações semelhantes contra um poderoso sacerdócio que servia Sakpata - geralmente considerado como a deidade da varíola durante aquela época, mas também o nome de um grupo maior de divindades da terra - transformando-os de líderes espirituais influentes, em mercadorias para navios de escravos europeus.

As atividades do rei Agadja e seus sucessores, que ajudaram a redefinir o Vodou no Daomé e em outros lugares da África Ocidental, tiveram um efeito semelhante nas crenças e práticas em outros lugares. Através da venda dos seguidores desse Vodoun, Sakpata foi para o Brasil, Cuba, Haiti (raramente visto atualmente) e outros lugares. A família de espíritos Ghede do Vodou pode ter uma origem similar. **De acordo com a tradição oral, eles se originaram com o clã Guede-vi do Daomé, cujo lendário fundador era conhecido como Ghede.** De acordo com as tradições, membros do clã irritaram o rei Andanzan, que governou o país no final do século 18, participando de uma trama contra ele. Depois que o rei descobriu sua conspiração, eles rapidamente se encontraram vendidos no exterior, onde eles se tornaram os espíritos Ghede após a morte ou contribuíram com seus próprios espíritos familiares para o panteão Vodou em desenvolvimento no Novo Mundo.

As guerras dos reis do Daomé tiveram um impacto semelhante em ambos os Vodou (Haiti) e Voodoo (EUA). O melhor exemplo de sua influência foi a introdução de Damballah para o Haiti e Blanc Dani para a área de Nova Orleans. O evento-chave neste caso foi Agadja ter conquistado Savé com sua capital econômica de Ouidah (Ajudá ou Uidá, em português) em 1727, que forneceu numerosos cativos a traficantes de escravos. Esses cativos cultuavam uma divindade serpente de grande poder local, conhecido como Da, Dan, Dangbe e outros nomes semelhantes. Mais tarde, ele se tornaria o deus mais importante do Haiti e Nova Orleans. Uma conquista anterior a Savé, a cidade de Allada em 1724, proporcionou ao Haiti o protótipo para o Nanchon Rada Lwa (Nação das Loas Rada).

## O VODU NO HAITI

**O Vodou haitiano é uma religião crioula que foi o resultado dos africanos multiculturais e linguisticamente misturados que constituíram as populações escravas na ilha de Hispaniola.** Trazidos da África Ocidental e Central pelos europeus, os africanos eram uma mistura de Daomeanos e Congolese com uma variedade de outras etnias, incluindo os Ewe, Ibo, Senegal, Ioruba e Djouba. Cada grupo prestou elementos críticos à mistura que floresceria na fé do Vodou haitiano.

O primeiro grupo a chegar foi o Fon, do Daomé, atual Benim. Sua influência no Vodou haitiano aconteceu devido à sua crítica importação em massa para a colônia francesa de São Domingos, juntamente com sua sofisticação teológica encontrada em toda a região Ioruba, Dogon, Dagara e outros povos. Os nomes dos espíritos, danças e práticas litúrgicas, assim como os ritos iniciais, podem ser rastreados até o povo Daomeano. O Fon também contribuiu com palavras como *ounfò* (casa dos espíritos), *ounsi* (esposa espiritual) e *oungan* (sacerdote espiritual).

O segundo grupo mais influente foi o Congolês, que trouxe suas ideologias mágicas, filosofia religiosa e identidade cultural. O Kongo lakous (Comunidades Congolese) de Soukri, Badjo e Souvenance ainda mantêm as práticas mais puras do ritual africano congolês. Os Congolese também foram amplamente distribuídos no sul do Haiti, de Les Cayes até Jacmel. A linguagem, práticas rituais e estrutura organizacional de *ounfòs* refletem essa herança claramente.

Finalmente, outros grupos influenciaram de várias outras formas na fé e na prática do Vodou e que ainda são muito fortes nas áreas onde seus antepassados se estabeleceram. O Igbo, por exemplo, emprestou a ideia de jarros como *canaris* e *govis* para espíritos habitarem, e os Ewes contribuíram com práticas ancestrais, como oferendas de comida para propiciar os mortos. Esta inclusão de estilos de serviço, tradições ancestrais e linguagem religiosa é a forma que os africanos encontraram para sobreviver durante a "era da plantação".

A voz do Vodou haitiano tornou-se uma mistura de ideias e formas quando essas etnias africanas se encontraram. Os africanos falavam uma grande variedade de línguas e dialetos, mas com o tempo, eles adotaram o francês com a sintaxe africana como sua língua, a fim de facilitar a comunicação. Ao contrário do Ioruba, que se tornou a língua litúrgica tanto na Santería Cubana quanto no Candomblé brasileiro, o Kreyòl (Crioulo) haitiano era a língua franca falada por todos na época da independência, em 1804. Isso ocorreu porque dois terços dos escravos naquele tempo tinham nascido na África e mantinham o conhecimento tanto da linguagem como de suas práticas espirituais.

Como Rachel Beauvoir-Dominique colocou em um ensaio que apareceu nas Artes Sagradas de Donald Cosention sobre o Vodou haitiano (1995):

*O Vodou emergiu [da escravidão e da revolução] com uma visão fundamental em que a religião e a magia, embora autônomas, constituem um único corpo. . . Cada templo, mesmo o mais "religioso" em perspectiva está sob o patrocínio de uma ou várias divindades destinadas a trabalhar, prestar serviço e até mesmo acumular pequenas fortunas para seus possuidores.*

O Vodou que se desenvolveu após a Independência foi em parte o resultado da negligência da Igreja Católica para ajudar os seus membros mais pobres e os africanos que necessitavam viver e fincar raízes na ilha. Esses dois fluxos se fundiram no ressurgimento do "lakou", um sistema africano de compostos familiares com terra compartilhada. O sistema lakou também ajudou a manter o estado na restauração da cultura das plantações e promoveu a implementação de práticas ancestrais africanas. Pessoas, tanto consanguíneas quanto não, criaram compostos familiares que ainda existem até hoje. Dentro desses compostos, as práticas africanas de agricultura, família e religião tornaram-se o caminho da vida para a maioria dos haitianos, até o presente momento.

A maior parte do Haiti é rural, onde o culto dos antepassados serve para proteger os valores tradicionais dos camponeses. Dentro dessas sociedades (lakous) rurais, assim como era feito desde a independência, os camponeses haitianos trabalham com os espíritos diariamente e se reúnem com suas extensas famílias para ocasiões especiais, como aniversários biológicos e espirituais. As pessoas, muitas vezes, caminham quilômetros para participar de uma celebração ou de cerimônias realizadas mensalmente e outras anualmente. As celebrações não são o único motivo para participar de cerimônias em compostos familiares. Os lakous rurais também são onde se encontravam um "medsin fey", ou médico de folha, indivíduos que são conhecidos tanto por seus "konesans" (conhecimento) espirituais, como por seus talentos de cura. Com um caro sistema médico estabelecido nas cidades, as pessoas rurais depositam sua confiança no curador local, que trata tanto a doença física como suas causas espirituais. Medsin feys plantam suas ervas de cura dentro de seus Lakous ou sabem onde as plantas crescem localmente. Muitas vezes, herdando conjuntos de espíritos e seus conhecimentos médicos de um pai ou parente, um medsin fey também é um sacerdote Vodou.

O Vodou é a religião da maior parte da população no Haiti hoje. Embora os membros nunca tenham sido contados, há um ditado comum de que o Haiti é 70% cristão e 100% Voduísta, uma alusão à natureza oculta deste último. Isto é especialmente verdadeiro para os ricos e para aqueles que estão saindo da pobreza extrema e conquistando uma melhor situação, e que rejeitam qualquer associação com sua herança africana. Os praticantes de Vodou geralmente se consideram como bons

cristãos e não veem nenhum conflito com a prática do catolicismo, além de servirem aos espíritos. Na verdade, muitosounfò marcam os dias de festa das Lwa seguindo o calendário católico.

Com grande parte do Haiti ainda sendo uma sociedade rural, o Vodou está fortemente ligado à veneração dos antepassados, da vida familiar e da terra. Na ausência de lugares de culto formais, o Vodou pode ser praticado em qualquer outro local. Encruzilhadas, cemitérios, árvores, cavernas, cachoeiras e outras formações naturais tornam-se os templos Vodou. Cada local tem sua importância dentro da liturgia, seja um simples repozwa (árvores sagradas que abrigam espíritos Vodou ou outros itens que possam abrigar tal espírito, como pedras, bonecas, etc)) crescendo ao lado de um complexo familiar ou uma majestosa cachoeira ao lado de uma montanha. Este reconhecimento do mundo espiritual como manifesto no físico é uma possível razão pela qual o Vodou foi e ainda é tão mal interpretado. As pessoas que olhavam para o Vodou do lado de fora confundiam o ato de adoração ao pé de um Mapou sagrado (*Ceiba Pentandra*, conhecida no Brasil como Mafumeira ou Sumaúma, é uma das árvores mais sagradas no Vodou) como se eles estivessem adorando a árvore, em vez do espírito que se crê simbolizado pela própria árvore.

As religiões monoteístas, como o cristianismo, são prescritivas e usam um texto sagrado, como a Bíblia, da qual os seguidores derivam as doutrinas e as leis básicas da fé, isso, claro, de acordo com sua própria interpretação. Mas o Vodou haitiano oferece poucos absolutos e não tem um código de ética prescritivo. Os seguidores definem princípios morais para si mesmos e são guiados pelas lições de vida, a sabedoria dos antepassados e a comunicação com os espíritos que, na maioria das vezes, são quem define as regras.

O Vodou é fundamental para a cultura haitiana e é baseado em uma concepção da realidade que inclui os objetivos da vida, forças que determinam o destino dos seres vivos, organização social adequada, relações interpessoais equilibradas e práticas que promovam o bem-estar da comunidade. O Vodou leva em consideração as necessidades das pessoas. O dinheiro que as Sociedades Vodou haitianas recebem é muitas vezes usado para ajudar outros membros em dificuldade, fornecendo dinheiro para alugar uma casa, roupas para crianças ou custos com a escola. A hierarquia da Sociedade Vodou ajuda a manter a ordem e permite que cada pessoa seja devidamente respeitada de acordo com seu nível ali dentro. A mambo ou oungan são os juízes presidentes, o júri e, quando necessário, os executores. Ela ou ele intermedia argumentos, fornece orientação no discurso conjugal, conforta as pessoas após desastres naturais, encoraja os jovens na aprendizagem, oferece esperança no caso de doenças debilitantes e gerencia toda a Sociedade. O lado público dos líderes é celebrar os fet em suas Sociedades. Alimentos, bebidas, bons cantores e bateristas poderosos são contratados/convidados para garantir que o fet seja um sucesso para a Sociedade,

bem como para sua comunidade em geral. O prestígio das mambos e dos oungans como líderes espirituais e sua reputação como fran Ginen (um membro moral e permanente da comunidade) estão intimamente ligados ao seu trabalho como sacerdotes e curandeiros.

O Vodou urbano difere de seu primo do interior apenas em ser chamado de "templo" Vodou. Os conceitos de vida comunitária ainda giram em torno do ounfò, da mambo e do oungan, mas os devotos devem recriar a família deixada para trás a fim de tentarem uma vida melhor nos centros urbanos e continuar sua busca por valores religiosos e morais. Os templos urbanos podem ser localizados em casas, porões ou até em igrejas próximas. Não é incomum para os participantes de um templo urbano de Vodou deixar a cerimônia pela manhã e ir diretamente para a igreja. Onde o Vodou urbano difere é na estrutura litúrgica encontrada no templo Vodou.

**O Vodou rural (lakous) de Souvenance, Soukri e Badjo na área de Gonaïves, no Haiti, permanece mais fiel às suas ideias e práticas africanas. A sua liturgia é cantada e o estilo de adoração é conhecido como Deka, uma palavra congolesa que significa "das estrelas".** Os serviços Deka são celebrações anuais ligadas ao calendário astrológico e comemoradas tanto quanto na África. Logo, o Templo Vodou segue o calendário católico das observâncias para os seus dias sagrados e tem elementos da Maçonaria, do Catolicismo e da teologia Daomeana e do Congo na sua estrutura litúrgica. O estudioso Claudine Michel escreveu certa vez:

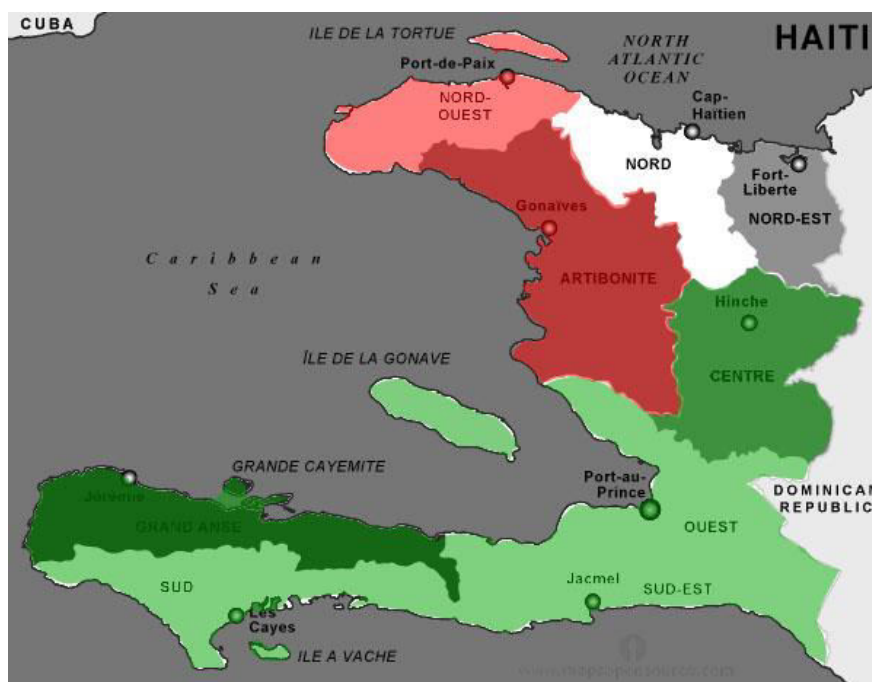
*"Enquanto as variações rituais são verdadeiras em todo o Haiti devido à nação dominante de africanos trazidos para cada área do país através da escravidão, cada templo é seu próprio universo. Mitos e cerimônias podem diferir de um ounfò para outro, bem como de uma família para outra, dependendo da região, tipos de espíritos atendidos e invocados/evocados, estilos de culto e questões específicas para uma determinada comunidade."*

#### **Sosyete versus Ounfò**

*Aqueles que examinam o Vodou haitiano pela primeira vez provavelmente encontrarão vários termos desconhecidos. Dois que podem confundir facilmente aqueles que não estão familiarizados com Kreyòl são **sosyete** e **ounfò**. Os curiosos às vezes usam os termos de forma intercambiável. Para ser preciso, no entanto, o **ounfò se refere ao templo** em que se encontra uma congregação vodou, enquanto a **sosyete descreve a própria congregação**.*

Hoje, o Vodou no Haiti é uma religião que se desenvolveu dentro de múltiplos fluxos onde todos tomam sua inspiração das mesmas fontes da África Ocidental. Existe Vodou rural que é orientado para a família, relacionado ao sangue e encontrado no campo

desde o Platô Central até o Cabo Haitiano. Dentro deste estilo, encontramos líderes chamados sèvitè (servos), que são escolhidos da família para servir um espírito ou um "nanchon" (nação) de espíritos no complexo familiar. Depois, há um templo urbano ou simplesmente templo, que é centrado em Porto Príncipe e se estende para o sul de Jeremie até Jacmel. Dentro deste estilo é a linhagem Asson, onde os membros não familiares são iniciados no sosyete e servem no templo. Esses templos muitas vezes servem a uma variedade de espíritos ou nanchons (nações) e são liderados por uma mambo ou um oungan asogwe, o mais alto nível na linhagem Asson, do Vodou. No distrito ocidental, e também na região Norte, encontra-se o Vodou Deka, nos lakous fora de Gonaïves. Esta forma de Vodou é também muito popular na República Dominicana. Voltando às suas raízes africanas, esse estilo de serviço também é conhecido como a linhagem tcha-tcha, kwa-kwa, deka, djakou ou makout. Makout e Djakout referem-se ao saco de palha transportado pelos sacerdotes do Vodou Deka no qual contém seus itens sagrados, um dos quais é o tcha-tcha, um chocalho de gorno redondo, muitas vezes pintado em cores brilhantes e usado no ritual Vodou no lugar de um Asson.



***Principal domínio do Vodou Asson em Verde e principal domínio do Vodou Deka em vermelho. Mas atenção, o mapa não tem a intenção de ser exato, pois obviamente não há um muro que divida ambos os Vodus.***

Além disso, existem muitas sociedades secretas que podem ou não fazer parte do Vodou. Com nomes como Bizango, Chanpwel, Makaya, Makandal e Sect Wouje, eles funcionam fora das normas dos templos urbanos e do Vodou rural. Eles descendem dos grupos marrons (Maroons), revolucionários do Haiti do século XVIII e tendem a praticar formas mercenárias, moralmente ambíguas de magia e religião. Muitos Voduístas os consideram hoje como "fora da fé", uma expressão baseada no "fora da

lei". Se eles são ou não, a maioria os considera como Pa Ginen, que significa "não Ginen" ou "não africanos". Não se pode ser Bizango e Ginen ao mesmo tempo, sendo ambos mutuamente exclusivos. Há também muitas organizações maçônicas e pseudo-maçônicas no Haiti que se encontram e operam dentro de paradigmas definidos pelo Vodou, mas que não são religiosos na prática ou que seguem tais ideais.

## A REVOLUÇÃO HAITIANA

A Revolução Haitiana (1791-1804) foi uma guerra para a liberdade na colônia francesa de São Domingos, atual Haiti, e é amplamente considerada como a primeira rebelião de escravos bem-sucedida no Hemisfério Ocidental. Essa revolução colocou fim na escravidão na ilha de Hispaniola e fundou a República do Haiti livre. Conta-se que começou com uma cerimônia Vodou em Bois Caïman em agosto de 1791 e terminou com a Declaração da Independência para o Haiti em 1804. O compromisso dos africanos com sua liberdade foi alimentado em parte por sua crença de que os espíritos do Vodou "cavalgavam" em suas cabeças, protegendo-os tanto dos mestres das plantações quanto das armas dos exércitos europeus.

A ilha de Hispaniola foi originalmente colonizada pela Espanha. As plantações vendiam seus produtos para a coroa espanhola enquanto compravam/trocavam por suprimentos europeus. Isso deixou a colônia à mercê das elites governantes na Europa. Os colonos tentaram compensar suas perdas criando um mercado livre na metade ocidental da ilha. Os colonos independentes, os corsários, os piratas franceses e os poucos nativos restantes logo fizeram do mercado um negócio próspero. Quando a Espanha descobriu isso, ordenou que os colonos retornassem à capital. À medida que os proprietários das plantações começaram a cumprir a ordem, **a Espanha decidiu consolidar suas plantações mais lucrativas vendendo a metade ocidental da ilha para a França através do Tratado de Ryswick em 1697.**

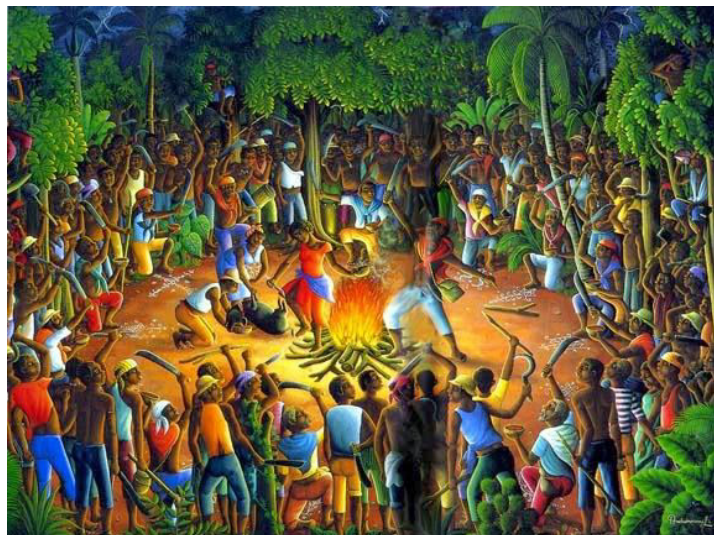
Os franceses tornariam o açúcar sua principal exportação, produzindo-o através do trabalho de escravos africanos. Em 1681, havia aproximadamente 2.000 escravos africanos em toda a ilha. Em 1789, havia quase meio milhão só em São Domingos (atual Haiti). Tão cruel foi a forma de escravidão praticada nas plantações de açúcar da ilha que os trabalhadores negros morriam o tempo todo. Para manter a força de trabalho diante de uma mortalidade surpreendentemente alta, a todo o momento, escravos recém-chegados desembarcavam na ilha, o que explica tamanho aumento da população escrava.

A parte francesa da ilha continuou a ser uma localização de mercados livres, onde ainda podia ser vistos os últimos Arawaks nativos. Mas não demoraria para eles se

juntarem aos escravos Maroons - africanos que escaparam da escravidão. Muitos desses Maroons, homens e mulheres, foram recém-importados de sua pátria africana e como fugiram rapidamente de seu destino escravo, não foram quebrados pela crueldade da cultura da plantação. Eles desempenhariam um papel fundamental na revolução. Estes africanos chamados Maroons mantiveram suas práticas ancestrais, fazendo oferendas a seus deuses pedindo por segurança e coragem. Para eles, a prática Vodou foi o que os ajudou a permanecerem livres e escondidos dos mestres brancos das plantações e dos militares franceses. Sua crença nos deuses Vodou seria o combustível que deu aos outros cativos a coragem de lutar.

O mais importante entre os Maroons foi um homem chamado François Makandal. Alguns livros dizem que ele era muçulmano, mas no Haiti ele é lembrado como um Oungan com um grande conhecimento de plantas e venenos. Diziam que ele era muito carismático, unindo os diferentes grupos Maroons a uma rede secreta de organizações que invadiram as plantações de noite, queimando proprietários, propriedades e envenenando muitos outros. Ele foi preso e morreu em 1758 na praça pública da Cap-Français, o que é hoje o Cabo Haitiano.

A morte de Makandal não evitou que os africanos se rebelassem contra os senhores de escravos. De acordo com relatos tradicionais do início da Revolução Haitiana, sua morte abriu o caminho para uma segunda pessoa importante emergir da população escrava. Foi escrito que Boukman Dutty foi considerado um homem jamaicano livre, embora ele possa muito bem ter sido um escravo. Seu nome é interpretado no sentido de que ele era um "livro aprendido", isto é, uma pessoa que podia ler. Seu grande tamanho, aparência de guerreiro e temperamento temível fizeram dele uma figura efetiva na guerrilha. Muitos creem que foi Boukman quem presidiu como Oungan na cerimônia Vodou que anunciou os ataques às plantações das planícies do norte.



**Em 14 de agosto de 1791, realizou-se uma reunião secreta na área florestal fora do Cabo Haitiano, conhecida**

**como Bois Caïman. Lá, Boukman e seus colegas revolucionários encontraram-se com líderes escravos para planejar sua estratégia de ataque às grandes plantações. Ele foi ajudado por uma mambo chamada Cecile Fatiman - a mesma mulher que costuraria a nova bandeira haitiana dos restos das roupas dos soldados franceses. Fatiman**

disse que convocou a reunião de escravos a fim de "*deixar de lado a imagem do Deus dos opressores*". É uma interessante expressão ao sugerir aos africanos para que mantenham suas próprias práticas espirituais, ou seja, que sejam fiéis a si mesmos e à sua antiga pátria e ancestrais. Então um porco negro estava reservado para ser sacrificado como uma refeição e um pacto jurado por todos os presentes de que a liberdade seria para todos. De repente, Mambo Fatiman foi possuída pela Loa Ezili Danto, e foi ela mesma quem matou o porco, oferecendo seu sangue como um sacramento da aliança que juraram libertar São Domingos dos franceses. Uma semana depois, cada plantação nas planícies do norte estava em chamas, enquanto os escravos rebeldes queimavam, pilhavam, morriam e matavam violentamente por toda a região. Tão grande foi a conflagração, que a fumaça e as chamas poderiam ser vistas pelos navios que estavam se aproximando a milhas ao mar.

Embora a história de Bois Caïman seja tomada como o início de fato da revolução, estudiosos modernos mostram que houve possivelmente duas reuniões. A primeira ocorreu na plantação Normand de Mezy. Mas os brancos acabaram descobrindo essa reunião, torturando os escravos que dela participaram, alguns até a morte. Pouco se sabe sobre a segunda, que seria a secreta reunião no Bois Caïman. Alguns dos detalhes anteriormente aceitos do encontro de Bois Caïman também foram descobertos como uma ficção criada por Antoine Dumas em sua História da Revolução de São Domingos (1814) para retratar a reunião como uma assembléia sanguinária de africanos selvagens, mas que é muito bem aceita como verdadeira.

Independente se um porco foi abatido ou uma deusa Vodou invocada, os eventos que seguiram essas reuniões foram realmente incríveis e somente quem ali esteve poderia nos dizer a verdade do que houve. Na semana que se seguiu à suposta cerimônia Vodou em Bois Caïman, 180 plantações nas planícies do norte, fora do Cabo Haitiano, foram queimadas. Os relatórios mostraram que mais de mil detentores de escravos estavam mortos e a luta mal tinha começado. Boukman foi capturado e decapitado em novembro de 1791. Sua cabeça foi exibida publicamente pelos franceses para dissipar a aura de invencibilidade que ele havia cultivado, mas não teve o efeito almejado.

Dentro de algumas poucas semanas, o número de escravos que se juntaram à revolta chegou a 100 mil. Rapidamente, os escravos já estavam controlando um terço da ilha. Usando tambores Vodou para se comunicarem em longas distâncias, eles estavam bem organizados e prontos para atacar. Um escravo livre chamado Toussaint L'Ouverture levantou-se para liderar os escravos na rebelião. Ele era inteligente, organizado e articulado. À medida que os acontecimentos da revolução se desenrolavam, ele foi auxiliado por uma estranha mudança de eventos.

Em 1793, a França declarou guerra à Grã-Bretanha, que ameaçou invadir o Haiti. A França liberou todos os escravos africanos e depois os alistou para lutar contra os britânicos. L'Ouverture viu sua chance e trouxe os escravos para o lado da França em

1795. Superando uma sucessão de rivais, ele finalmente derrotou os britânicos em 1798. Ele continuou a liderar uma invasão a espanhola São Domingos, liberando os escravos no início 1801. No final de 1801, L'Ouverture assegurou toda a ilha e se declarou governador em uma nação de africanos livres.

Napoleão se recusou a reconhecer L'Ouverture como governador e enviou uma grande força expedicionária liderada por seu cunhado, LeClerc, para restaurar o domínio francês. Alguns dos aliados mais próximos de L'Ouverture desertaram para os franceses. Em maio de 1802, ele foi capturado e levado para a França, onde morreu na prisão. Jean-Jacques Dessalines, ex-subordinado de L'Ouverture, continuou a liderar a rebelião até sua conclusão, quando os haitianos derrotaram os franceses na Batalha de Vertières, que teve início em Novembro de 1803 e, em 1 de janeiro de 1804, Dessalines finalmente proclamou o Haiti uma república livre, tornando-se o Imperador do Haiti.

#### **Toussaint L'Ouverture: herói da revolução haitiana**

*Toussaint L'Ouverture aumentou a proeminência como líder militar e político durante a Revolução Haitiana. Ele inicialmente serviu os rebeldes como um herbalista, depois se elevando nas fileiras para se tornar o governante de um país independente de fato. Apesar do considerável sucesso militar, os franceses finalmente o capturou enganando ele com a promessa de um acordo que seria negociado. Ele morreu em uma prisão francesa em 1803. **Apesar de acreditar no poder do Vodou, L'Ouverture não o abraçou. Em vez disso, ele infelizmente desencorajou sua prática a favor do catolicismo.***

#### **O massacre de 1804**

*Tendo sofrido sob escravidão e durante anos de guerra, o governador geral Jean-Jacques Dessalines, em 1804, ordenou que os brancos de descendência francesa do Haiti fossem assassinados, pois ele alegava que eram uma ameaça a segurança da nação. Mas os capangas de Dessalines pouparam muitos dos ascendentes não-franceses, assim como outros que demonstraram bondade aos haitianos negros, o que fez com que alguns brancos sobrevivessem. Muitos haitianos se opuseram a essas ações, o que ajudou a melhorar a percepção de que Dessalines era um tirano. Dois anos depois, Dessalines foi assassinado. O massacre, no entanto, prejudicou gravemente as relações do Haiti com o mundo exterior e continua a moldar a visão externa da Revolução Haitiana. Ainda hoje, Jean-Jacques Dessalines é cultuado no Vodou como a Loa Ogou Dessalines.*

## O VODU NO VALE DO MISSISSIPPI

Assim como aconteceu em muitas outras áreas do Novo Mundo estabelecidas por europeus e africanos escravizados, o Vale do Rio Mississippi desenvolveu sua própria religião crioula, conhecida neste caso como Voodoo ou Voudou, que sobreviveu como uma tradição distinta até pelo menos a década de 1940. **Embora a maioria dos relatos que descrevem a religião vem da área de Nova Orleans, a fé também existe em outros lugares ao longo do rio Mississippi, mais notavelmente no Missouri.**

Embora muitas vezes confundido com o "Vodou" haitiano, as duas religiões nunca foram idênticas, apesar de sua atual similaridade. **A evidência indica que o Vodou dos EUA se desenvolveu inicialmente no Vale do Mississippi e não era simplesmente uma importação do Haiti. Aspectos do Vodou estavam presentes na área perto de Nova Orleans desde o início do século 18, ao mesmo tempo em que o Vodou estava se desenvolvendo de forma independente no que era então a colônia francesa de São Domingos, atual Haiti.** No entanto, as duas religiões interagiram ao longo dos anos e, atualmente, têm muito em comum além dos nomes obviamente relacionados. A terminologia era frequentemente similar, com palavras como gris-gris (pronuncia-se *grigri*) sendo usadas tanto no Vale do Mississippi quanto no Haiti. Da mesma forma, algumas divindades foram compartilhadas entre as religiões, embora nem sempre fossem nomes idênticos. As iniciações e outras cerimônias também se assemelhavam. Além disso, os dois possuíam tradições mágicas semelhantes. As semelhanças na terminologia e na prática podem ser explicadas por causa das etnias africanas semelhantes trazidas para as duas regiões, principalmente os cativos da Senegâmbia, do Daomé (atual Benim) e da África Ocidental Central. As duas populações então viveram e se desenvolveram culturalmente como escravos dos católicos franceses. Com a imigração aumentando em larga escala do Haiti para a região de Nova Orleans no início do século XIX, após o sucesso da Revolução Haitiana, muitas coisas entre ambos os Vodous acabaram se fundindo de alguma maneira.

O público em geral frequentemente, mas incorretamente, trata o Vodou como pouco mais do que uma coleção de feitiços e encantos, equiparando-o com práticas conhecidas como conjure, rootwork ou hoodoo em outros lugares nos Estados Unidos. Com certeza, o Vodou possuía - e ainda possui - muitos aspectos mágicos, mas nunca foi o mesmo que conjure ou rootworker, os quais se originaram nas antigas colônias inglesas ao longo da costa atlântica, com muita base voduísta, mas sem ser exatamente uma religião. A relação entre Voodoo (Vodou) e Hoodoo, por outro lado, é um pouco mais problemática. Os estudiosos frequentemente diferenciam o hoodoo do Voodoo, declarando que o primeiro é mágico e folclórico e o último uma religião. Historicamente, no entanto, os antigos praticantes do que os historiadores modernos

consideram Voodoo se referiam à fé como hoodoo, usando o termo Voodoo para designar seus praticantes.

Independentemente das dificuldades terminológicas que cercam a fé, o Vodou é certamente uma religião. Como com a maioria das religiões, **o Voodoo tem seu próprio clero, a maioria dos quais, no passado, eram mulheres. Hoje em dia homens e mulheres possuem o mesmo valor religioso.** No final do século XIX, as sacerdotisas passaram a ser conhecidas como rainhas (Voodoo Queens). Alguns escritores indicam que os homens, embora poucos, eram conhecidos como reis (Voodoo Kings), embora casos de pessoas específicas operando sob este título fossem extremamente raros e nem sempre bem visto. Apenas um caso do Missouri apoia essa afirmação.

Mais frequentemente, os sacerdotes masculinos eram conhecidos como médicos ou ministros Vodou, isso na qualidade de trabalhadores da magia. Entre os mais conhecidos ministros/médicos/reis/rainhas Voodoo estavam Marie Laveau, Jean Montanée, Jim Alexander e Betsy Toledano, todos praticantes em Nova Orleans. O Missouri tinha seu próprio praticante famoso, um homem conhecido como o rei Alexandre, que era proeminente na área de St. Joseph durante o final do século XIX. A evidência documental recolhida pelo Projeto dos escritores federais durante a década de 1930 indica que certas cerimônias Voodoo incorporaram outros "funcionários" junto a ministros (sacerdotes), incluindo cantores, dançarinos e músicos.

Os espíritos atendidos pelos sacerdotes Vodou eram numerosos, mas o panteão completo se perdeu atualmente. Se a frequência de aparecimento é qualquer indicador de importância, algumas das divindades mais populares na área de Nova Orleans são Blanc Dani, Papa Labas e Assonquer. O primeiro deles era um deus serpente que desempenhava um papel central na religião e era o equivalente bruto do Damballah Wedo do Haiti. Papa Labas, também conhecido como Liba, Lébat ou Limba, correspondeu a Legba do Haiti. Ele é um intermediário na comunicação entre os humanos e o divino. Assonquer, também conhecido como Onzoncaire, parece ter sido semelhante ao Ossange haitiano. Ele estava particularmente associado à boa fortuna. Algumas outras divindades que aparecem aqui e ali no recorde documental são Grand Zombi, Jean Macouloumba ou Colomba, Maman You, Vériquité e Monsieur d'Embarrass. No Missouri, a deidade solitária cujo nome sobreviveu foi Samunga, um ser cuja função permanece obscura. Era um "Cascavel avô" proeminente no folclore dos praticantes do Missouri do século XIX e imaginado como um poderoso feiticeiro que pode ter sido uma manifestação local de Blanc Dani.

Os espíritos dos mortos também tinham um lugar proeminente no Vodou dos EUA. No registro documental não dá limites a precisamente quem poderia ser convocado pelos Vodouístas, mas certos indivíduos falecidos possuíam um status mais elevado no mundo espiritual. Por exemplo, os médicos encontraram-se proeminentes nos atos mágicos de algum praticante. Os padres e sacerdotisas falecidos foram ainda mais importantes.

**Marie Laveau, em particular, manteve alto status no panteão Vodou dos EUA, mas é desconsiderada no Vodou haitiano.**

Como também é o caso em muitas nações caribenhas, a religião não existia separadamente do catolicismo que caracterizava antigas colônias francesas e espanholas. O processo de *creolização* resultou em uma fé na qual a religião africana se misturou com o cristianismo europeu. A já mencionada e famosa Marie Laveau, por exemplo, era uma católica praticante, bem como uma sacerdotisa Vodou. Por essa razão, o Deus cristão e a Virgem Maria aparecem em muitas orações nas cerimônias Vodou. **Altars coloridos e cheios de simbolismo e velas, adotados da prática católica,** também desempenharam um papel no culto e no funcionamento da magia. Muitas das divindades específicas do Vodou tinham equivalentes de santos. Embora ainda aconteça o sincretismo nos EUA, ele tem caído em desuso. Blanc Dani, por exemplo, era São Miguel Arcanjo, e Assonquer era São Paulo.

**A antiga vida ritual do Vodou e sua história nos EUA está incompletamente documentada, mas os relatos confiáveis de várias cerimônias distintas sobreviveram ao longo dos anos.** Durante o século XIX, por exemplo, numerosos relatos de uma cerimônia anual de St. John's Eve na noite de 23 a 24 de junho apareceram nos jornais de Nova Orleans. Em parte, estas eram celebrações que se assemelhavam às de muitos brancos católicos na mesma noite. Os encontros Vodou, no entanto, incluíam dança ritual, banquete e banhos de ervas. Ao lado dos eventos de St. John's Eve, as iniciações foram o melhor tipo de cerimônias documentadas. Elas eram de vários tipos, pelo menos algumas das quais eram conhecidas como aberturas. Cada uma incluía oferendas para os espíritos, orações e danças. Algumas pessoas relatam o que parece ser uma posse espiritual. Outras cerimônias aparecem ocasionalmente nos registros, embora seus objetivos precisos permaneçam pouco claros.

O estudo sobre o Vodou foi escasso e muitas vezes impreciso e oportunista. Um dos mais completos sobre a religião foi produzido por Catherine Dillon para o *Louisiana Writers' Project*, uma organização que durante grande parte da sua história estava ligado ao Projeto Escritores Federais da Era da Depressão e registravam todo tipo de assunto. O manuscrito nunca publicado inclui centenas de páginas de informações detalhadas e bem pesquisadas sobre o Vodou daquela época. Por outro lado, o tomo é prejudicado por um racismo generalizado, tornando tudo menos inédito hoje, mas extremamente triste.

Algumas das informações recolhidas por Dillon e seus colegas do Projeto Escritor foram copiadas, no entanto, como parte do Voodoo perenemente popular de Robert Tallant em Nova Orleans (1946). Enquanto Tallant eliminou grande parte do racismo expresso por Dillon, ele não teve cuidado com suas fontes. De acordo com a estudiosa Carolyn Long, ele frequentemente combinava informações de mais de uma fonte em uma única conta e afirmava que havia sido ele mesmo quem coletou os dados. Além

disso, de acordo com outros de sua época, ele sensacionalizou a religião, **tratando-a predominantemente como um sistema de magia exótico e sexualmente carregado, o que não é verdade.**

Através dos anos, inúmeros estudiosos absorveram e se apoiaram na versão do Vodou incorporada nas obras de Dillon e Tallant. Um deles, a estudiosa Zora Neale Hurston, construiu uma visão alternativa que os antecedeu. Durante a primeira metade da década de 1930, ela descreveu o Vodou, que chamou de hoodoo, como uma verdadeira religião e uma parte valiosa da cultura afro-americana. Infelizmente, ela se assemelhava a Tallant em sua inclinação pelo sensacionalismo e a uma consideração tão fraca quanto a precisão. No entanto, Hurston forneceu os contornos básicos da interpretação seguida por muitos estudiosos modernos, mais notavelmente Martha Ward, autora da primeira biografia acadêmica de **Marie Laveau, the Voodoo Queen: The Spirited Lives of Marie Laveau (2004).**

Um estudioso que não abraçou nem a versão de Tallant nem de Hurston sobre a religião é Carolyn Morrow Long. **Her New Orleans Voodoo Priestess: The Legend and Reality of Marie Laveau - 2006** (Sua Nova Sacerdotisa Voodoo de Nova Orleans: A Lenda e Realidade de Marie Laveau) examina meticulosamente não apenas Laveau, mas outros aspectos do Voodoo com o objetivo de descobrir os eventos históricos enterrados em mais de um século de folclore.

**O Vodou desapareceu em grande parte como uma tradição viva distinta. As últimas iniciações puramente norte americanas registradas na fé parecem ter ocorrido no final dos anos 1930 ou 1940.** Após esse ponto, o registro histórico é silencioso. A religião sempre esteve em uma posição precária e foi consistentemente suprimida usando ordenanças locais, estaduais e nacionais. Da mesma forma, muitos cristãos achavam sua fé incompatível com a religião crioula e lutaram fortemente contra a sua evolução.

Embora tenha morrido como uma fé africana organizada e pura, aspectos do Vodou sobreviveram à religião cristã preconceituosa. Por exemplo, as velas coloridas, uma vez comuns ao hoodoo de Nova Orleans, se espalharam pelos Estados Unidos, aparecendo em tradições de conjure e rootwork que originalmente faziam pouco uso delas. Mesmo o termo hoodoo passou a ser um sinônimo para conjure. Do mesmo modo, o folclore continua a associar Voodoo a certas áreas, principalmente a Nova Orleans, preservando sua memória para as gerações futuras. Talvez a sobrevivência mais importante da religião sejam as Igrejas Espirituais. Essas congregações nominalmente cristãs se originaram como uma combinação de muitas tradições religiosas, incluindo o catolicismo, o pentecostalismo e o espiritismo kardecista. O Voodoo também figurava proeminente ali, e as igrejas espirituais não só adoram o Deus cristão, mas honram uma variedade de espíritos, que vão desde santos e anjos a nativos americanos falecidos, e frequentemente empregam rituais no estilo hoodoo que estranhos

interpretariam como mágicos. Pode-se descrever com precisão tais congregações como refúgios para as crenças Vodú ou mesmo como descendentes da religião que simplesmente continuaram o processo de cristianização iniciado durante a época colonial.

**Apesar do desvanecimento do Vodú, muitos habitantes de Nova Orleans reivindicam a adesão à religião até hoje. Ao contrário das gerações anteriores, no entanto, eles não estão participando de uma tradição viva do Vale do Mississippi. Em vez disso, a maioria pratica uma forma de Vodú haitiano ou uma versão reconstruída do Vodú com base em pesquisas históricas. O mais próximo que se pode chegar à religião viva praticada na década de 1940 e antes é o hoodoo e as Igrejas Espirituais.**

## **O VODU: INICIE A SUA VIAGEM!**

Antes de você iniciar qualquer jornada, é melhor estar preparado. Tal como se você fosse fazer uma longa viagem e, para tal, é importante ter toda a documentação pronta, você também precisa se preparar para a viagem ao Vodú. Sabendo o que esperar e o que evitar, sua viagem será muito mais prazerosa.

Então, começarei com algumas palavras de cautela. Quando você visita novos destinos, geralmente é útil conhecer antes a história do lugar. Ao contrário do que se pensa sobre o Vodú, ele não é brincadeira de criança ou um conjunto folclórico de crendices.

Com o aumento do interesse no Vodú, também aumentou a preocupação com aqueles que utilizam de tais práticas em seu dia a dia, independente se são ou não membros de alguma Sossyete. Os críticos têm levantado muitas questões sobre o assunto, do tipo "Vodú não é perigoso demais?" ou "o que te faz acreditar que a religião de um povo tão sofrido, no caso o africano, pode realmente te ajudar?". É bem possível que, se você decidir cultivar as Loas, alguém vai te perguntar coisas semelhantes.

Devemos ser sábios, claro, e fazer cuidadosas considerações a respeito do Vodú. Sei que alguns críticos da religião podem apenas querer assustar os leigos e outros podem ter suas próprias razões para temerem o Vodú. Aqui, vou tentar expor minhas próprias considerações sobre o Vodú, talvez em linhas gerais, mas que se levadas a sério, poderá ser extremamente útil.

## **O VODU**

A palavra "Vodú" causa calafrios nas espinhas da maioria das pessoas e conjura terrores antigos de feitiçaria, magia negra, bonecos, zumbis e fantasmas a espreita sob a cama. E isso tudo não é de se surpreender. Desde 1884, quando Spencer St. John

escreveu o Haiti ou a República Negra (**Haiti or the Black Republic**), um relato fictício e espalhafatoso sobre sacrifícios humanos e canibalismo entre os nativos haitianos, o Vodou passou a ser rotulado de religião doentia e assediado pela repressão, sendo mal compreendido até hoje. Mais recentemente, filmes com títulos como **Voodoo Black Exorcist** e **Chopper Chicks em Zombietown** (*Dê um google!*) deixaram o Vodou com a pior imagem de todas as religiões na Terra.

Hollywood criou uma imagem inebriante de nativos enlouquecidos que correm com poderes fantásticos juntos com perigosas “manadas” de diabos furiosos e em meio a ritos primitivos. Bom, as mulheres brancas “decentes” são vistas como vítimas em frenesi erótico, atormentadas pelos ritmos implacáveis de nativos libidinosos até que sua carne cheia de desejos proibidos rasgue sua alma.

**A psicologia diz que somos atraídos por essas imagens caóticas da mesma maneira que as pessoas param ao passar por acidentes na estrada na intenção de ver quaisquer horrores que possam alimentar seu fascínio mórbido e sua insaciável curiosidade.** Joseph Conrad referiu-se a este tipo de excitação perturbadora como o "Fascínio pela Abominação". Ao sermos confrontados com esse nosso lado, tomamos uma postura de choque profundo, embora nunca possamos considerar esse comportamento em nós mesmos, hipocritamente louvamos imagens sensacionalistas e difamatórias, entre outras coisas, do Vodou no cinema e na literatura.

A civilização ocidental pensa que conhece o Vodou através desses filmes e livros ofensivamente imprecisos. Mas, através de versões sensacionalistas do Vodou, explicitamente mostradas por canais de TV em busca de audiência, os ocidentais dão um rosto a seus próprios medos mais sombrios. Tememos o que parece ser uma perda de controle, que é incorporada pela experiência de posse espiritual dentro do Vodou. Talvez aqueles criados em uma cultura rígida e corporativa fiquem alarmados com as implicações do transe de posse. O medo é inspirado pelo perigoso cruzamento sobre a ponte estática que atravessa o abismo entre o sólido e o invisível, o vivo e o morto, o EU e o DIVINO.

É bem verdade que a civilização ocidental se sinta espiritualmente mais sofisticada, mais composta moralmente. Embora o Vodou seja rotulado como um culto primitivo, ele pode ser mais avançado espiritualmente do que se imagina. Enquanto a cultura ocidental tende a honrar e respeitar o científico, o racional e o tecnológico, simultaneamente desacredita e diminui o valor do espiritual. O foco é inteiramente sobre o material, na superfície da realidade. As percepções relativas à natureza das verdades eternas ou da realidade mitológica não podem ser comprovadas pela ciência empírica. Podemos construir altos edifícios, sistemas de metrô e pontes. Podemos prescrever pílulas para o que quer que nos aflige. Podemos derrubar o átomo, isolar e manipular genes. Podemos passar quantidades de informação incomum em milissegundos. Mas a capacidade de ver sob a superfície do significado aparente para o

invisível que jaz ali dentro tem sido atrofiada cada vez mais, ao ponto de que não há mais respeito ou reconhecimento de sistemas que voltem sua atenção diretamente para o que é chamado de primordial, considerado por eles como supersticioso.

É muito comum que uma religião como o Vodou possa causar todos os tipos de sentimentos ao que nada conhece sobre o assunto. Sentem medo e desconfiança, tentam se proteger contra seres que imaginam serem incontroláveis, forças malignas. Esse tipo de pensamento/sentimento surge, sem exceção, da ignorância. Quanto mais nós aprendemos, menos medo sentimos. O Vodou, como geralmente é praticado, não tem nada a ver com magia negra pura, adoração do diabo ou fantasias sangrentas dos cineastas. Com a prática do vodou, as pessoas começam a perceber que se trata de uma religião vibrante, linda e que é **livre de dogma, culpa ou coerção**.

O Vodou certamente não é uma prática "má", mas sim uma que afirma a relação com os ciclos da vida e do Espírito em curso. O Vodou se relaciona com o Espírito e sutilmente pode ser sentido nessa esfera, com as mudanças que vão aparecendo na vida do praticante. O espírito é a força essencial e que está invisivelmente presente e orienta a experiência da vida. O Vodou não é uma prática primitiva que carece de ordem, insight e coesão. A experiência viva do Divino que se encontra através da prática do Vodou exige uma filosofia sofisticada, uma elegância de participação no misterioso e um conhecimento íntimo da alma. Talvez seja a sensualidade honesta do Vodou que é ameaçadora em primeiro lugar, até que se perceba que essa sensualidade nos permite levar em nossos corpos a espiritualidade que alimenta nossas almas. Seria ingênuo insistir que o Vodou não tem um lado sombrio. Talvez todo o medo que inspira o Vodou seja uma indicação dos poderes inerentes à sua prática. O ditador "Papa Doc" Duvalier aproveitou o terrível aspecto sombrio do Vodou para intimidar o povo haitiano. Ao fazê-lo, ele exagerou as conotações negativas do Vodou.

Os haitianos reconhecem a distinção entre Vodou religião e Vodou magia. Há uma distinção entre Houngan e Mambo, os sacerdotes e sacerdotisas do Vodou, e bòkò, ou feiticeiros, que se limita a trabalhar somente com magia, e são considerados como estando operando em um nível espiritual inferior ao de uma Mambo ou Houngan. O paradigma ocidental que insiste que as coisas só podem ser boas ou más talvez não seja aplicável aqui. O Bòkò "trabalha com ambas as mãos"; seu trabalho pode ser malévolo ou saudável. O Bòkò está lidando com o tempo agora, em termos muito práticos. Eles parecem capazes de efetuar transformações mágicas ou sobrenaturais, mas isso acontece apenas naquele momento, uma magia temporária. Um Houngan ou Mambo está trabalhando mais em termos do Eterno, efetuando curas reais que levam tempo para desenvolver, mas que não são efêmeras e que levam em conta o bem-estar de toda a comunidade. **O bòkò pode realizar um feitiço para controlar uma força que agirá na vida de uma pessoa. A Mambo realiza uma cerimônia religiosa para alinhar a força vital dentro de uma pessoa, sem prazo de validade.** Enquanto o

bòkò poderia escravizar um Espírito colocando-o dentro de uma garrafa através de uma "wanga", a fim de obrigá-lo a trabalhar para trazer riquezas ou sucesso material, o Houngan faria uma cerimônia, talvez honrando Legba, que pode abrir a porta às oportunidades, para que a vida dessa pessoa possa ser corrigida, ajustada e curada. O trabalho de um bòkò é mais restrito ao desejo individual, é mais egoísta e temporário. Eles geralmente são mal vistos no meio Vodú, e até mesmo temidos no Haiti, mas isso não quer dizer que eles não tenham um fluxo constante de clientes que estão dispostos a pagar por seus serviços e conhecimentos. Houngans ou Mambos podem trabalhar em um nível mais elevado de espiritualidade que é inclusivo, mas não limitado.

Apesar do preconceito, do medo e da sensacional desinformação, o Vodú é uma religião que tem crescido dramaticamente nos últimos anos, crescimento que atravessa linhas raciais e culturais. Pessoas de todas as raças, culturas e educação religiosa estão se voltando para uma experiência insubstituível e inegável do Divino. O Vodú não é um culto primitivo; é uma prática de cura e religião que está em constante evolução. O Vodú sobreviveu à escravidão de um povo que perdeu tudo, exceto seus ritmos e seus deuses. A religião continua a crescer, transformar e responder às necessidades dos praticantes, independente de quem seja.

## OS "PERIGOS" DO VODU

Alguns irão adverti-lo sobre os perigos do Vodú; eles dirão a você que as Loas são ciumentas, vingativas e de temperamento difícil. Somente aqueles que têm anos de treino podem servi-las devidamente, e segundo eles, se você cometer o mínimo erro com as Loas, correrá o risco de ter o corpo e a alma destruídos. Outros ainda afirmarão que não há perigo algum em servir as Loas; os espíritos amam seus "filhos" e jamais os machucariam. **A verdade disso tudo, em minha opinião, deve ser o meio termo entre ambas as afirmações.**

Muitas das histórias de horror são baseadas em velhos contos sobre "sacrifícios humanos em rituais" e "orgias com o diabo ao som de atabaques". Terríveis advertências sobre sacrifícios humanos devem mais a filmes de terror sobre Vodú do que a qualquer ritual praticado dentro do Vodú ortodoxo. Naturalmente que já houve, e ainda há alguns casos isolados, tanto no Benim, África, quanto no Haiti e E.U.A. Mas é importante salientar que tais rituais de sacrifícios humanos e outras aberrações, são praticados por psicopatas, pessoas que não têm relação com o Vodú sério e acabam fazendo parte de algumas sociedades secretas.

É também muito comum ouvir entre os interessados no Vodun que se você ofender uma Loa, ela se vingará cruelmente de você. Não posso dizer que a Loa seja incapaz de machucá-lo, mas posso afirmar que todos podem evitar a maioria dos problemas com os espíritos com um pouco de bom senso, muito conhecimento e uma dose saudável de cuidado.

**Todos os dias, pessoas são feridas por acidentes elétricos. Podemos dizer que a eletricidade é ruim, é perigosa, ou podemos ensinar as pessoas como usar a eletricidade de forma segura e responsável, mesmo reconhecendo que a estupidez e a falta de cuidados podem ser perigosas e até mesmo fatais. Se você tomar a mesma precaução ao servir a Loa, não terá problemas.**

É importante compreender que a Loa vem de uma sociedade hierárquica, aonde o respeito absoluto pelos mais velhos é o esperado e o desrespeito por eles é visto como uma das maiores ofensas. Se você tentar lidar com as Loas como se fossem animais adestrados que pulam, rolam ou se fingem de mortos quando você ordena, então **recomendo que saia deste curso imediatamente, nós devolveremos seu dinheiro.** Certamente, se tratarmos a Loa como se ela fosse uma escrava, como se ela fizesse trabalhos em troca de qualquer coisa e na hora que você quer que seja feito, com certeza você conseguirá irritar muito a Loa, e ela se voltará contra você. Se, por outro lado, você tratar a Loa como se ela fosse uma grande amiga ou até mesmo um parente próximo e com muito respeito, neste caso você terá a proteção da Loa. **Você não precisa ter medo dela, mas é importante que a trate com respeito e reverência, pois a Loa é superior aos seres humanos.**

Naturalmente existem tabus que devem ser observados ao cultuar uma Loa, e eu peço que leve isso muito a sério:

**Você não pode pegar algo de Zaka ou de Freda e colocar no altar de Ghedé; não se deve montar os altares de Zaka ou Freda ao lado do altar de Ghedé; os altares devem ser mantidos EXTREMAMENTE LIMPOS, pois a Loa não suporta sujeira;**

**Tudo para Damballah deve ser branco, deve-se tomar cuidado com insetos que pousem no altar de Damballah;**

**Não prometa nada que não possa cumprir;**

**Não deixe coisas pessoais (carteiras, documentos, joias, peças de roupas...) sobre o altar, a menos que tenha uma boa razão para isso;**

**Não deixe que crianças toquem nos objetos do altar, com exceção do altar de Danto;**

**Não lide com a Loa se estiver sujo (por sexo, bebidas, drogas), tome um banho antes;**

**Não fume e nem beba bebidas alcóolicas na frente de Damballah, Agwe e Freda.**

Algumas Loas são mais esquentadas do que outras, sendo inclinadas a violência. Estas não deveriam ser abordadas sem a orientação de alguém realmente experiente. Na verdade, nem há motivos para um praticante solitário querer relacionar-se com Loas mais violentas. Estes espíritos possuem um papel importante no panteão voduísta, e são sabiamente cultuados no Haiti; mas aqueles que os cultuam são praticantes experientes que cresceram dentro da cultura Vodou ou que são iniciadas.

Para complicar ainda mais, há também espíritos trapaceiros, entidades malévolas que tentarão se passar por Loas, por ancestrais ou outros seres e então causar estragos se você os deixar entrar em sua vida. Houngans e Mambos não estão perdendo tempo ao passar longos períodos limpando e purificando o local de trabalho, onde cultuarão a Loa. **Se você quiser entrar em contato com as Loas, você também precisa limpar e purificar o local, isso vale para seu corpo também, que deve estar muito limpo.**

No Vodou, má sorte pode ser um sinal de que a Loa não está contente com você, ou, mais precisamente, com o que você está fazendo. Os voduístas acreditam que se a Loa está feliz com eles, então serão abençoados com boa saúde, sucesso financeiro e todo tipo de boa sorte. Se você tiver muitos problemas, isto significa que a Loa quer alguma coisa de você. Às vezes a pessoa precisa aproximar-se mais da Loa, pode ser necessário fazer um LAVE TET (lavagem da cabeça) ou talvez precise passar por um KANZO (iniciado no Vodou), ou ainda a Loa pode estar querendo mais atenção ou talvez até um ancestral esquecido. **Mas os problemas não surgem porque você está envolvido com uma Loa ou com o Vodou, eles começam porque você NÃO os cultua, ou seja, começou e desistiu.**

No mundo ocidental tendemos a ver a religião como uma escolha. Já, entre muitos voduístas, há a crença de que a Loa escolhe você. Isso pode ser encarado como coerção por alguém que está conhecendo o Vodou, mas que pertence a outra religião. Entretanto, os voduístas veem isso como uma lei da natureza.

Para concluir, só posso dizer a você: claro que no Vodou você não está completamente seguro! Mas onde você estaria seguro? Se você for descuidado, desonesto e brincar com o Vodou, certamente será destruído pela Loa. Se, por outro lado, você cuidar deles, tratá-los com respeito e com o coração puro, você encontrará grandes protetores, amigos.

**CUIDADO, NÃO BRINQUEM COM AS LOAS,**

**ELAS NÃO SÃO SOMENTE ARQUÉTIPOS**

**MAS SIM SERES PENSANTES, QUE VIVEM,**

**INDEPENDENTE DE VOCÊ OU DE SUA VONTADE! (Oungan Max Beauvoir)**

## PALAVRAS USADAS DENTRO DE UMA SOSYETE

### VÁ MEMORIZANDO ESSAS TEMINOLOGIAS AOS POUCOS!

A pronúncia das palavras está entre [...]. Dúvidas? Pergunte no grupo.

**Ago** [agô] – é uma langaj; ouve-se muito nas cerimônias e canções, significa “com licença” ou “com sua permissão”.

**Akason siwo** [akasõ siuô] – bebida artesanal feita com amido de milho, apreciada por todas as Loas.

**Aksyon De Gras** [aksiôn de grás] – A Ação de Graças é uma cerimônia especial em agradecimento à uma Loa ou à um grupo de Loas por um favor recebido, um desejo ou o pagamento de uma promessa à Loa.

**Alamyet** [alamiét] – É uma cerimônia Vodou sem os tambores. Muito comum nos EUA, onde as leis contra a poluição sonora são levadas muito a sério.

**Anba dlo** [anbá dlô] – lit. “abaixo d’água” – O lugar onde as Loas e os antepassados residem, é a Ginen, Gineh ou Ginea espiritual.

**Ashé** [axé] – Palavra ioruba que significa a energia vital criadora. Usa-se para saudar as Loas.

**Ason** [assô] – É um chocalho usado para as cerimônias Rada. É também o símbolo do sacerdócio na linhagem do Ason. Este chocalho é feito de cabaça e em volta dele há uma guia de miçangas de vidro ou plástico, coloridas, formando uma rede. Às vezes há várias vertebra de cobras decorando o Ason. Na base há um sino preso.

**Ayibobo** [aibobô] – Normalmente traduzido como “amém”, trata-se de uma langaj usada em canções, rezas e saudações aos membros da Sosyete e às Loas Rada.

**Ayiti Toma** [aití tomá] – “Haiti”; É uma palavra de origem Taína, antigos povos que habitavam a ilha que viria a se tornar Hispaniola. Esta palavra significa *Montanhoso (a)*.

**Badji** [badí] – Santuário, sala cheia de altares dentro do Hounfò.

**Badjikan** [badikã] – “guardiões do badji”, são Sacerdotes ou iniciados de segundo grau que são responsáveis por manter os altares limpos e alimentados.

**Baka** [baká] – Pequenos espíritos cruéis que só fazem o mal. Normalmente são vistos com cabeça de animais. Alguns deuses estrangeiros com cabeça de animal podem cair nessa categoria, como os deus egípcios.

**Banda** [banda] – É um Rito, um Ritmo e uma Dança ligados aos Ghedes.

**Bilolo** [bilolô] – Saudação às Loas Petwo.

**Bitasyon** [bitassiôn] – habitat; um pedaço de terra que foi sendo passado de geração em geração.

**Bizango** [bizangô] – Refere-se a uma sociedade secreta dentro da liturgia Vodou, na qual cultuam somente as Loas Petwo e usam sempre as cores preta e vermelha em seus rituais. Bizango também é um nome de um ritual feito por eles.

**Bokò, Bòkò ou Bokòr** [bokó, bókó ou bokór] – É um especialista em magia e trabalha tanto para o bem quanto para o mal. Normalmente, não são iniciados em uma Sosyete convencional, seguindo seu próprio caminho e rituais. Eles costumam ter templos, sua própria Sosyete e “iniciam” pessoas como feiticeiras.

**Bon anj** [bonánj] – O espírito divino do homem, que possui dois componentes primários: *ti bon anj* e *gwo bon anj*.

**Bondje ou Bondye** [bondiê] – Palavra Kreyòl para o Deus Todo Poderoso, teve sua origem na palavra francesa Bom Dieux. Alguns o chamam de Gran Mèt-la (O grande Mestre).

**Boukman** [búkman] – Foi um Houngan histórico que realizou encontros e cerimônias secretas para organizar a revolução haitiana.

**Bosal** [bossál] – Indomado ou selvagem, pode se referir a uma Loa ou a um novato, não iniciado no Vodou.

**Boula** [búla] – O menor dos três tambores no culto Rada.

**Boulé-zen** [bulêzen] – Pote ardente, também chamado de julgamento por fogo, durante o qual os iniciados devem colocar as mãos em um pote de óleo fervendo sem que se queimem.

**Cho** [xô] – lit. “quente”; é a qualidade de uma Loa, como por exemplos, as Petwo.

**Chwal** [xuál] – “cavalo”; apesar da tradução ser cavalo, trata-se de um eufemismo para falar do médium que é possuído pelas Loas.

**Dahomey (Daomé)** [daomé] – Império do Oeste africano, atualmente chamado de Benim, de onde a maioria dos escravos veio para o Haiti e EUA. Serve também para designar as tradições religiosas desse povo, e que foi a base para a fundação do culto Vodou do novo mundo.

**Deka** [deká] – Uma linhagem de Vodou muito praticada no norte do Haiti e na República Dominicana. É considerada a forma mais antiga de Vodou. É semelhante ao Vodou Tcha Tcha.

**Demanbwe** [demambuê] – Espaço sagrado, natural, com vegetação sagrada. Antigamente, bosques e florestas eram usados como Demanbwe, mas atualmente,

muitos Sacerdotes fazem seu próprio Demanbwe no terro do templo, por causa da falta de segurança e espaços realmente limpos para ritualizar. Entre várias funções, uma delas é levar o iniciado para o Demanbwe a fim de receber o chocalho Sagrado das mãos de Papa Loko ou Mambo Ayizan.

**Deshoukaj** [dexukáj] – desarraigar; Nome de tentativas ao longo da história para destruir a religião Vodou, mas o Vodou sobreviveu a 14 deshoukaj.

**Desounen** [dessunen] – É o processo de remover a Loa da cabeça de um iniciado depois de sua morte.

**Djakout** [diacút] – Bolsa feita de palha e que é usada por Azaca e Legba, assim como é também usada pelos Houngans e Mambos Djakout, da linhagem Dekka (como eu!).

**Dogwe** [dogwê] – Ritual de obediência, feito a um sacerdote do culto ou a uma Loa. É como um juramento ao seu superior.

**Djab** [diáb] – É um espírito muito poderoso e quase sempre cruel. Os Bokòs costumam trabalhar bastante com eles.

**Djevo** [diêvo] – Câmara dentro do Hounfò na qual as pessoas são recolhidas a fim de serem iniciadas. Também é usado nos Lave Tèt, embora nem todos os sacerdotes façam isso.

**Dosou/dosa** [dossú/dossá] – (Macho/Fêmea) refere-se aos Marasa.

**Dous** [dús] – “doce”; uma qualidade de espírito, normalmente da nação Rada.

**Eskò** [eskó] – grouping of lwa who walk with, or follow another lwa Um grupo de Loas que caminha ou segue uma outra Loa. Também chamamos de Eskò as Loas que acompanham a sua Loa Mèt Tèt e que te protegem.

**Fanmi Vodou** [fanmí vodú] – Família Vodou.

**Fran Ginea** [frã ginéa] – Um servo que pratica ritos puros do Ginen, que nunca trabalha com magia negativa e que só faz magia do bem e para o bem.

**Fete ou Fèt** [fetê; fét] – Festa ou qualquer cerimônia pública no Vodou.

**Ginen/Ginea** [Guinen; guinéa] – África intocada; o outro mundo no Vodou, no qual as Loas e os mortos residem juntos; às vezes referido como o céu do Vodou.

**Giyon** [guiõ] – Má sorte ou negatividade.

**Govi** [goví] – É um potinho de barro que guarda a essência espiritual de um ancestral ou de uma Loa.

**Gran Moun** [grã mún] – Os mais velhos, aqueles que têm um vasto **konesans**. Isto é, *conhecimento* do culto e da vida.

**Gwo Bon Anj** [guô bonánj] – O Grande Anjo bom. Uma parte da alma que permanece na sepultura durante nove dias após a morte do corpo. O Gwo Bon Anj então vai abaixo das Águas do Abismo (Anba Dlo), onde pode se tornar uma Loa. O Gwo Bon Anj pode ser roubado ou preso, e pode ser colocado guardado em uma jarra e transformado em um Zumbi espiritual.

**Hounfò / Hounfort** [unfó] – O templo Vodou e tudo o que há no espaço no qual foi erguido. Também escrito Ounfò.

**Houngan Asogwe** [ungã assogüê] – Sacerdote Vodou na linhagem do Ason. Também escrito Oungan.

**Houngan Djakout** ou **Kwa Kwa** [ungã diakút; cuá cuá] – Sacerdote Vodou na linhagem Deka/Tcha Tcha.

**Hounjenikon** [unjenicôn] – É o líder das canções Vodou, responsável por cantar nas cerimônias. Também escrito Ounjenikon.

**Hounsi Bosal** [unssí bossál] – Uma pessoa não iniciada, mas que é candidato à iniciação e está se preparando para tal. Também escrito Ounsi Bosal.

**Hounsi** [unssí] – Título da pessoa já iniciada. Também escrito Ounsi.

**Hounsi kanzo** [unssí cánzo] – Pessoa que passou pelo primeiro nível de iniciação dentro do Vodou na linhagem do Ason. Também escrito Ounsi Kanzo.

**Hountogi** [untoguí ou untojî] – Tocadores dos tambores Vodou.

**Kalfou ou Kafou** [calfú; cafú] – Encruzilhada; também o nome de uma Loa.

**Kanzo** [cánzo] – Iniciação dentro do culto Vodou, nome usado normalmente na linhagem do Ason.

**Kanzwe** [canzuê] – Iniciação dentro do culto Vodou, nome usado na linhagem Tcha Tcha/Deka.

**Kleren** [clerrên] – Rum puro, bebida favorita de muitas Loas. Algumas vezes, este rum será misturado com diferentes ervas.

**Konesans** [conesãs] – O conhecimento de um Houngan ou Manbo; inclui o conhecimento litúrgico, bem como o conhecimento concedido pela Loa.

**Konfyans kay** [confiãs cáí] – Conselheiro da casa, mão direita do Mèt Kay (Houngan ou Mambo que comanda a Sosyete).

**Kreyòl** [creôl] – A língua do Haiti e também o idioma principal usado / falado no Vodou haitiano e, atualmente, também no Vodou dos EUA. O crioulo dos EUA está caindo em desuso.

**Kwi** [cuí] – São tigelinhas feitas com metade de cabaças. Muitas Loas Petwo e Djouba apreciam elas.

**Lakou** [lacú] – Significa pátio; mas é uma unidade comum de família nos campos haitianos, como uma comunidade rural. Normalmente há um templo Vodou no centro dessas Lakous.

**Lanmò** [lanmó] – Significa a Morte; pode incluir os ancestrais assim como outros espíritos ligados à morte.

**Laplas daginea** [laplás dagúínea ou dajínea] – Portador da espada e, muitas vezes, mestre de cerimônia em um ritual Vodou. Ele sempre anda junto com uma ou duas Rainhas da Bandeira. Uma de cada lado e ele no meio. Possuem forte simbolismo Maçom.

**Lave tet** [lave tét] – lit “lavagem de cabeça” ; em alguns templos Vodou, serve como uma iniciação. Mas normalmente é só uma limpeza profunda da cabeça, servindo para apresentar a pessoa para a sua nova Sossyete Vodou.

**Lesyon** [lessiôn] – É quando um Houngan vai fazer uma leitura de oráculo para você. Independente da forma oracular que ele escolha, vai se chamar Lesyon.

**Loa** [loá] – Também chamados de Espíritos ou Mistérios, são os deuses do Vodou. Em crioulo é escrito Lwa.

**Loa Rasin** “Loa Raiz” [loá rassín] – Uma Loa da qual uma comunidade, uma família ou uma pessoa acredita descender.

**Maji** [mají] – Magia; Mágica; Feitiço; Feitiçaria.

**Makaya** [macáia] – É um ritmo e uma nação de Loa; a maioria deles está ligado ao culto Petwo e Bizango. Está relacionado à magia negra.

**Maldjok** [maldiôk] – Olho Gordo

**Makout** [macút] – O mesmo que Djakout, mas maior.

**Manman** [manmã] – “Mamãe”; nome do maior tambor tocado no rito Rada.

**Manbo Asogwe (Mambo)** [mambo assogüê] – Sacerdotisa Vodou na linhagem do Ason.

**Manbo Djakout** ou **Kwa Kwa** [mambo diacút ou cuá cuá] – Sacerdotisa Vodou na linhagem Tcha Tcha/Deka

**Manje** [manjê] – É o verbo comer; também é usado para comida ou festa.

**Mamalwa** [mamaloá] – “Mãe da Loa”; Antigamente, era o termo usado para se referir as Manbos. Não se usa mais hoje em dia, mas pode ser encontrado em canções antigas.

**Mama Lwa** e **Mama Mambo** [mama loá; mama mámbó] – São termos usados no Vodou dominicano e no Vodou Tcha Tcha para se referir a uma Sacerdotisa.

**Mèt kay** [mét cáí] – Mestre da Casa, Loa que é a dona de um determinado templo Vodou. Algumas vezes é usado para se referir ao Houngan ou Manbo daquele templo.

**Mèt tèt** [métét] – “Mestre da Cabeça”; a Loa que rege a cabeça do Voduísta.

**Minokan (minocan)** [minocã] – Faz referência à todas as Loas do panteão Vodou; também é o nome de um vèvè que tenta representar várias Loas ao mesmo tempo.

**Mistè** [mistê] – lit. “Mistério” – nome geral para as Loas e quaisquer outras forças espirituais que uma pessoa puder possuir, como os pwen.

**Mò** [mó] – Espírito de uma pessoa morta. Espíritos que vivem nas Águas Abismais.

**Nago** [nagô] – Um rito, um ritmo, uma dança e a Nação de todas as Loas vindas de terras iorubas.

**Nansyon ou Nanchon** [nansiôn ou nanxôn] – Nação de espíritos; agrupamento de Loas.

**Nomvayan** [nomvaián] – É o nome de um ritual que visa batizar o iniciado.

**Ogan** [ogã] – Pequeno sino de ferro usado como metrônomo para os toques de tambor em uma cerimônia de Vodou. Às vezes usam uma enxada como metrônomo. Ficam batendo no Ogan ritmicamente com uma varinha, também de metal.

**Ogatwa** [ogatuá] – Altar devocional privado, aquele que vocês futuramente farão em suas casas.

**Paket Kongo** [paquêt cõngo] – Pacote espiritualmente ativo criado no poder de uma Loa específica. Para Loas masculinas, têm forma de pênis, para Loas femininas, forma de útero. Você aprenderão a fazer.

**Pale Ginea** ou **Pale Ginen** [palê guinéa; palê ginên] – É o idioma secreto das Loas e de Houngans e Manbos; é chamada frequentemente de Langaj ou Langay. Só os iniciados podem saber!

**Papalwa** [papaloá] - “Pai das Loas” – Termo arcaico que era usado no lugar de Houngan. Não se usa mais.

**Papa Lwa** e **Papa Boko** [pápa loá e papa bokô] – São termos usados no Vodou Dominicano e também no Vodou Tcha Tcha para se referir a um sacerdote. Houngan também pode ser usado.

**Pè** [pé] – É uma base de alvenaria, redonda ou quadrada, que segura o Potomitan, o poste central do templo. Oferendas são colocadas sobre o Pè e vèvès são desenhadas em sua volta.

**Peristile** [perristíl] – A parte coberta onde todos dançam em volta do Potomitan e trazem suas Loas para o ritual. O Hounfò compreende todo o terreno e tudo o que há dentro dele, enquanto o peristile é o local coberto em si, onde boa parte do culto Vodou acontece. Em português, chamamos de *Peristilo*.

**Petit fey** ou **Ti fey** [petít fêi; Ti fêi] – “Folhinhas”, membros de um templo Vodou ou iniciados por um Houngan ou Mambo. O termo “Folhinha” simbolizando que o iniciador é um ramo de uma árvore. Isto é por um motivo específico. Os iniciados e os iniciadores têm responsabilidades uns com os outros, como uma grande família. Na verdade, a Sossyete Vodou também é conhecida como fanmi Vodou (família Vodou)

**Petwo** [petuô] – Uma Nação de Loas e seus Ritos. É também escrito Petro ou Pethro.

**Pòt tèt** [pótét] – Pote da cabeça. É um pote de cerâmica branco que guarda parte da alma de um iniciado, logo após o seu ritual Kanzo.

**Poto mitan**, **Poteau Mitan** ou **Potomitan** [potomitã] – Sagrado Poste Central de um Hounfò, pelo qual as Loas vêm de Ginen para ajudar os humanos e serem louvadas. O Poto Mitan também é, simbolicamente, a bengala usada por Papa Legba e o Pênis Cósmico do sagrado masculino. Normalmente, o Potomitan é decorado com vários elementos, principalmente cobras desenhadas.

**Prèt** [prét], Sacerdote; **prèt savann** [prét saván] – Sacerdote “arbusto”, mestre da liturgia Católica. Muitas vezes, é esse sacerdote que abre a cerimônia de ação de graças.

**Priyè Ginea** [priê guinéa] – “Reza Africana”; é uma litania complexa que abre as cerimônias Vodou. Na maioria das vezes, é uma reza de forte cunho católico. Mas alguns templos preferem concentrar esta reza somente nas Loas.

**Pwen** [puên] – “Ponto” de concentração de força espiritual ou magia criada para diversos fins.

**Pwen achte** [puên axtê] – Um espírito comprado, geralmente para propósitos negativos e maldosos.

**Pyè tone** [pié tonê] – Pedras na quais residem uma Loa, um espírito ou sobre a qual foi feito um Pwen.

**Rada** [ráda] – Nação e rito das Loas provenientes do Oeste africano. Descritas como “frias”

**Regleman** [reglemã] – Regra, Ordem, Lei; É um conjunto de regras que define a ação de um ritual, a fim de manter o culto organizado.

**Ren dwapo** [rên duapô] – Rainha da Bandeira é uma hounsi que carrega a bandeira daquela Sosityete Vodou durante o início de uma cerimônia.

**Repozwa** [repuzá] – Recipiente no qual uma Loa pode residir ou permanecer temporariamente. Podem ser usados como recipientes “repozwa” uma boneca Vodou, uma árvore, uma pedra, um pote, um amuleto, uma estátua, etc.

**Retire mò n’anba dlo** [retirrê mó nanbá dlô] – Cerimônia onde a alma de um morto é trazida na comunidade Vodou para se comunicar com os vivos.

**Sanpwel** [sampuél] – Membros da Sociedade Secreta Bizango. Sanpwel também é um grupo separado com suas próprias liturgias e regras.

**Scrying** [scruáin] - Uma forma de adivinhação feita olhando para superfícies lisas e espelhadas como cristais, bolas de cristal, pedras polidas, espelhos ou tigelas de água, até que o estado de transe seja alcançado revelando visões.

**Segon** [segõ] – O tambor médio, que fica no meio dos outros dois, em uma cerimônia Rada.

**Sevis Lwa** [sevis loá] – Servir a Loa. Este é o termo mais popular usado pelos Voduístas para falarem sobre suas crenças e o que seguem. Os haitianos dizem “Mwen sevis Lwa”, isto é, “Eu sirvo às Loas”.

**Sevis Tèt** [sevis tét] – “Servir a Cabeça”; é o termo usado pela linhagem Deka, ao invés de usar o Lave Tet. Mas é a mesma cerimônia. Ao invés de usarmos o termo Kanzo, no Vodou Deka usamos Sevis Tèt para falar sobre iniciações.

**Sevitye** [sevitiê] – Servo; um devoto Vodou, iniciado ou não. Vocês e eu somos Sevitye! Também pode ser escrito como Sèvitè [sévité].

**Sosityete** [societê] – Antigamente, era um termo usado somente por Sociedades Secretas, tal como a Sosityete Bizango. Hoje, usamos para definir o grupo de pessoas ligadas à um templo Vodou. A comunidade religiosa em si.

**Tanbou Petro/Fey** [tambú petro; fêi] – Tambores usados nas cerimônias Petwo, sempre usadas em par.

**Tanbou kon** [tambú kô] – Tipo de tambor ajustado usado nos ritos da Rada.

**Taino** [taíno] – Tribo de nativos americanos que habitavam a ilha de Hispaniola assim como outras ilhas caribenhas antes da invasão espanhola.

**Tcha- Tcha** ou **Kwa-kwa** [tiá tiá; cuá cuá] – Uma maraca ou chocalho; é usada por não iniciados assim como por aqueles que foram iniciados no Vodou de linhagem Tcha Tcha, também conhecido como Vodou Deká. É usado para comandar uma cerimônia e também é amplamente usado para saudar as Loas Petwo.

**Ti Bon Anj** [ti bonánj] – O Pequeno Bom Anjo. Parte da alma que inclui a identidade pessoal e a consciência, é incapaz de mentir. É passível de reencarnar.

**Chaka** [tiáca] – Uma comida sagrada oferecida para a Nação Djouba. É a comida favorita de Azaca, uma Loa Djouba cultuada no Rada. Vocês aprenderão a fazer!

**Trempe** [trepê] – Uísque de milho cru ou rum com ervas aromáticas e ou medicinais. Por exemplo, Rum com alecrim, arruda e canela, pode ser servido aos Petwo. Ou Rum com anis, alecrim e manjerição, para as Loas Rada. Existem inúmeras receitas de Trempe.

**Vèvè** [vevê ou vevé] – É uma “reza gráfica” desenhada com farinha e outros pós em um chão de terra (no Haiti) ou piso (EUA). Cada vèvè representa uma Loa, um grupo de Loa ou outra inteseção de poder. Os Vèvè também são chamados de Seremoni.

**Vodou** [vodú] – A religião predominante e a tradição cultural do Haiti derivadas principalmente de tradições amalgamadas africanas e nativas americanas. Também é a forma escrita em crioulo.

**Vodouwizan** [voduizán] – Aquele que pratica o vodou, chamado em português de Voduísta.

**Vodu** – Forma portuguesa de se escrever a palavra.

**Voodoo** [vudú] – Forma inglesa de se escrever a palavra.

**Wanga** [uánga] – Feitiço ou encantamento.

**Yanvalou** [ianvalú] – Ritmo e dança associados com muitas Loas Radas, especialmente Damballah Wèdo.

**Zanj** [zánj] – Anjo ou anjos; um sinônimo para Loas.

**Zanset-yo** [zansét iô] – ancestrais.

**Zonbi** [zombí] – Zumbi, podendo ser uma alma sem um corpo ou um corpo sem uma alma; ambos são forçados a trabalhar para o Voduísta que o fez.

**Zozo** [zozô] – Forma chula de se referir ao pênis; muito usado pelos Ghedes.